

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira,
E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XXIII

JANEIRO DE 1962

N.º 184

Entremos no Ano Novo com força e coragem!

M. FRIDLIN

Presidente da Divisão Sul-Europeia

O Senhor disse a Josué: «Não to mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo?» (Josué 1:9).

Mais uma vez, deixamos atrás de nós um ano, ao qual, certamente, não faltaram nem dificuldades nem horas sombrias, mas também durante o qual o Eterno nos protegeu misericordiosamente e nos abençoou largamente — pelo que lhe devemos estar profundamente reconhecidos.

Neste momento, o ano novo apresenta-se-nos como uma folha de papel em branco. Que nos reserva ele? No horizonte político, nuvens negras adensam-se cada vez mais. Os perigos que ameaçam a nossa velha terra aumentam de dia para dia. Chegamos àquela época de que Jesus falava, quando disse: «Homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto as virtudes do seu serão abaladas.» (Lucas 21:26).

O povo de Deus dos últimos tempos, também vive, nesta tremenda idade atômica. A ti, meu irmão; a ti, prezado jovem — a cada um de nós se põe a questão: «Como é que vou entrar no ano de 1962? Qual será a minha conduta neste tempo de «trevas e de obscuridade»? Mas também a cada um de nós são igualmente dirigidas as palavras do Senhor: «Esforça-te e tem bom ânimo». De resto, tais palavras não constituem apenas um encorajamento e uma promessa formulada

pelo nosso Pai celeste, mas também uma ordem. Enquanto povo, somos confrontados por responsabilidades de uma amplitude invulgar. Esta injunção deve temperar a nossa vontade e permitir-nos, com o apoio divino, concluir a tarefa que nos foi confiada.

Quando o eterno dirigiu estas palavras a Josué, este, à cabeça dos filhos de Israel, acampava junto das fronteiras dum país estrangeiro, que ele tinha de conquistar.



No 1.º plano: Pastor Lourinho, presidente da Missão de Moçambique; Irmão Sardinha, Eng.º J. N. Ramos; A. Maurício e esposa

Da mesma maneira, no início deste novo ano, também nos encontramos no limiar de uma terra desconhecida, na qual temos de penetrar; estamos perante um empreendimento que temos o encargo de realizar, até a vitória final!

Mas se queremos alcançar tal resultado, não devemos, em nenhum caso, imitar o povo de Deus da Antiga Aliança, que considerou, unicamente, os riscos da conquista, o armamento formidável e as aptidões guerreiras das tropas inimigas, para constatar, seguidamente, com desalento, a sua própria fraqueza. Temos necessidade, pelo contrário, de entrar no ano novo com força, com audácia e plena confiança. O Senhor nos concederá, para este efeito, uma medida dobrada da sua onnipotência e da sua graça eficaz.

Na nossa qualidade de resgatados do Eterno, temos o privilégio de não principiar o ano, na solidão. O Senhor, que outrora esteve ao lado de Josué e que lhe fez esta promessa: «Eu serei contigo, não te deixarei nem te desampararei» (Josué 1:5) também estará junto de todos nós. O Senhor nos protegerá, nos guiará, nos fortificará e nos ajudará, em todas as coisas, como sempre o tem feito pelos seus. O próprio Jesus não o declarou, no momento de concluir o seu ministério, nesta terra: «Eis que es-

(Continua na pág. seguinte)

tu convosco, todos os dias, até ao fim do mundo» (Mat. 28:20)?

Embora a nossa vida se pareça com uma viagem através do deserto do tempo presente, esforcemo-nos — rejeitando assim o mau exemplo do antigo Israel — por não murmurarmos a despeito das provas, dos combates, das tentações que não nos serão poupadas, durante o novo ano. Com o olhar fixo na Canaã celeste, continuemos a nossa peregrinação nesta terra, «fortificados, encorajados» e com os corações a transbordar de gratidão e de alegria.

Entretanto, se queremos conquistar, inteiramente, o país estrangeiro em que acabamos de penetrar, é necessário que ganhemos sempre mais almas para a causa do Mestre. Por outras palavras: temos de evangelizar, cada vez mais, temos de fazer mais trabalho missionário e temos de envidar mais esforços, que no passado, para podermos reunir todo um povo justo, que esteja pronto para se encontrar com o seu Deus.

Escrevo estas linhas, passadas poucas semanas depois de ter regressado de uma longa digressão missionária nos nossos campos do Oceano Índico e de Moçambique. Em relação com os pensamentos enunciados atrás, vou relatar duas experiências que, assim o espero, ajudarão os nossos fiéis a marchar sempre para a frente na alegria e na confiança, apesar das provas e dos obstáculos.

Na companhia do Irmão Paul Girard, actual presidente da União do Oceano Índico, tive ocasião de passar alguns dias na ilha da Reunião, onde se realizou uma assembleia de igreja, ricamente abençoada.

A nossa capela de S. Dinis — capital da ilha — encontrou-se, então, literalmente cheia de crentes adventistas. Durante os serviços religiosos, cerca de 150 pessoas ficaram de pé, no pátio, por não terem lugar dentro do edifício!

O Irmão Girard foi o pioneiro dos nossos missionários na ilha da Reunião. Foi também o primeiro missionário não-católico a estabelecer-se nesta ilha, cuja população é extremamente supersticiosa. Desde

que ali chegou, pela primeira vez, há mais de vinte e cinco anos, o Irmão Girard verificou que o seu trabalho seria muito árduo. Várias vezes foi o nosso irmão «bombardeado» com tomates podres, quando fazia as suas conferências públicas. Também chegou a ser apedrejado. Na rua, bandos de malvados perseguiram-no aos gritos de «Fora com o protestante imundo! Fora com ele!» Também, muitas vezes, quando o irmão Girard ia dar estudos bíblicos a pessoas interessadas, que moravam fora da cidade, encontrava, depois de se despedir dos seus visitados, as quatro rodas do seu modesto automóvel totalmente esfaqueadas. Mas apesar de todas estas dificuldades e de se encontrar, ali, sozinho como único obreiro, a verdade é que permaneceu firme e com bom ânimo, no Senhor.

Passados alguns anos de trabalho paciente, teve a satisfação de colher as primícias dos seus esforços. O nosso primeiro lugar de culto, na Reunião — a capela de S. Dinis — foi construída, então, naquela época. Por ocasião da inauguração, o irmão Girard oficiou só, porque não foi possível deslocar-se, ali, nenhuma visita do estrangeiro. Era em 1940 — um dos anos mais sombrios da segunda guerra mundial. Na capela, que pode conter uns 250 lugares, apenas se reuniram umas quarenta pessoas. O irmão Girard sentia-se inquieto, perguntando a si mesmo, se não teria tido «muita fé», se não teria visto as coisas muito ampliadas, construindo, assim, um edifício tão grande!...

Quando há poucas semanas visitamos a ilha da Reunião, o nosso irmão Girard teve uma enorme alegria: pôde então constatar que Deus tinha abençoado ricamente as suas actividades e as suas dificuldades, assim como os sacrifícios dos zelosos missionários que lhe tinham sucedido naquele campo, e que, com confiança e coragem tiveram também de lutar, muitas vezes, contra as mesmas dificuldades que ele tivera, para pregarem a Mensagem.

Efectivamente, hoje, a capela de S. Dinis já é muito pequena. Já há o projecto de edificar uma segunda

igreja adventista na cidade. O irmão e a irmã A. Quirici, nossos missionários na Reunião, também ali estão efectuando um bom trabalho.

Também temos de encarar a abertura, em S. Dinis, de uma escola da igreja, para as 150 crianças, filhos dos nossos membros.

As instituições educacionais do Estado impõem muitas dificuldades para aceitarem os nossos jovens estudantes que desejam ser dispensados dos trabalhos escolares, no dia de Sábado.

A realização destes dois projectos urgentes vai exigir novos sacrifícios financeiros, da parte dos nossos irmãos e irmãs da metrópole. Sabemos, contudo, que os nossos prezados Irmãos e Irmãs vão contribuir «com força e coragem» para a construção da segunda capela de S. Dinis, assim como para a construção de uma escola de igreja nesta mesma cidade.

Por ocasião da minha estadia em Moçambique, tive o privilégio de visitar o irmão Sardinha — um dos nossos crentes africanos. A experiência deste fiel servo de Deus mostra-nos, mais uma vez, o que Deus pode realizar graças a um simples membro leigo, que trabalha para Ele «com força e coragem».

O irmão Sardinha aceitou a verdade há já vários anos, na nossa estação missionária de Mungulúni, onde ele trabalhava como marceneiro.

Fora do sector de Mungulúni, é difícil aos obreiros europeus emprenderem qualquer actividade missionária.

Durante uma reunião, o director da estação anunciou que um certo interesse pela mensagem adventista tinha despertado numa aldeia situada a duzentos quilómetros de Mungulúni. Seguidamente, convidou os leigos a efectuarem um trabalho de evangelização naquela localidade. O irmão Sardinha foi tocado por este apelo de Deus. Ofereceu-se espontaneamente para «emigrar» para aquela aldeia, para ali trabalhar na sua profissão, para ganhar a vida, mas consagrando, ao mesmo tempo, as suas horas livres à proclamação do Evangelho.

Como me senti feliz, quando, por ocasião da minha primeira visita

àquela aldeia, há três anos atrás, pude verificar como o nosso irmão Sardinha tinha realizado uma obra abençoada! Na humilde capela indígena com tecto de colmo e paredes de argamassa de barro e palha, estavam reunidas 500 pessoas. Depois dos serviços religiosos, quando perguntei ao irmão Sardinha quantos membros baptizados tinha naquela igreja, respondeu-me com a modéstia que o caracteriza: «Até agora, o Senhor já me deu oitenta almas!»

O irmão Sardinha continuou as suas actividades: em cada ano, acrescenta alguns metros quadrados de paredes e de tecto à sua modesta capela, para que todos os novos interessados ali possam ter lugar junto dos membros regulares.

E assim, quando ainda há poucas semanas, lhe perguntei, outra vez:

«E agora, irmão Sardinha, quantas pessoas baptizadas tens na tua igreja?» Respondeu-me, sempre humildemente: «O Senhor já me deu 251!»

Não vos parece, prezados Irmãos, que este nosso irmão africano tem realizado um trabalho maravilhoso e que o seu exemplo nos pode fazer corar de vergonha, pela nossa falta de zelo evangélico?

O Irmão Sardinha realizou tudo isto defrontando numerosas dificuldades. Já tem sido perseguido. Con-

tudo, graças ao auxílio de Deus, tem podido caminhar de vitória em vitória. E se tem alcançado tanto êxito nas suas actividades, é justamente porque colocou a sua alegria e a sua confiança no Senhor.

Ouvindo a narração das provas e das tribulações que o nosso irmão tem sofrido, pensava eu no capítulo quarto dos Actos dos Apóstolos, no qual Pedro e João foram levados perante o Sinédrio por causa de terem curado um coxo, em nome de Jesus e por terem também proclamado que só o nome de Jesus poderia dar a salvação a um mundo pecador.

Por isso, os dois apóstolos foram proibidos, pelas autoridades, de pregar a Jesus e de continuarem as suas actividades missionárias.

Como não teria sido bastante desconsolador e desencorajante para eles o verificarem que o seu zelo em confessar a Jesus no seu ministério não tinha produzido nenhum resultado! Contudo, aquela tão dura experiência não conseguiu tirar-lhes nem o seu entusiasmo nem a sua alegria. Os apóstolos sabiam que o sofrimento pode ser uma maneira de dar testemunho por Jesus, da mesma maneira que as palavras e as acções.

Por isso, estavam prontos a sofrer, se fosse preciso, a fim de poderem confessar publicamente o seu

Salvador. Não houve nenhuma ameaça que fosse capaz de os impedir de continuarem a sua tarefa. E foi assim que declararam: «Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido». (Actos 4:20).

Também nós, caros colaboradores, caros irmãos e irmãs, caros jovens, também todos nós devemos estar prontos a dar, de todo o coração e em todo o tempo — pelas nossas palavras, pelos nossos actos e mesmo pelos nossos sofrimentos — o testemunho do Senhor Jesus.

E entremos com alegria e confiança neste Ano Novo, que Deus nos concede por efeito da sua graça.

A descoberta da antiga cidade de Cesareia

O antigo porto submerso de Cesareia reparado por Herodes o Grande e frequentemente mencionado no Novo Testamento vai ser explorado por mergulhadores de grandes profundidades oceânicas.

A Sociedade Americana Israelita, em Washington D. C., e o Seminário Teológico de Princetown anunciaram que vão organizar uma expedição a fim de explorar as águas costeiras de Israel, fazendo pesquisas mais demoradas em Cesareia. A cidade tinha belos lugares, um templo, hipódromo e aquedutos. Ainda existe a cidade em questão, mas com a população de apenas 700 habitantes, a 80 quilómetros a noroeste de Jerusalém. O porto chegou a ser famoso. Os técnicos julgam que no ano 800 da nossa era um terramoto haja afundado o referido porto, danificando a muralha que o contornava, embora o mesmo tenha sido utilizado pelos cruzados, quando invadiram a Terra Santa.

Há poucos anos, uns pescadores retiraram do fundo do mar uns odres de 2.500 anos, empregados para o transporte de vinho e azeite. Os peritos alimentam a esperança de que outras preciosidades possam ser descobertas que virão a dar preciosas informações sobre algumas rotas marítimas antigas.

Grupo de crianças de S. Dinis, ilha da Reunião, que esperam uma escola



Por que deve a nossa juventude frequentar a Escola Cristã?

Marta Montgomery Odom
(Obreira Bíblica)

Um grupo de membros da igreja havia sido convidado para a casa dos Ross, para ver as curiosidades que tinham trazido de países estrangeiros que acabavam de visitar. Até as crianças tinham ficado fascinadas com as histórias interessantes que ouviram acerca dos estranhos costumes de outras terras e do modo maravilhoso como o Senhor está operando para transformar a vida daqueles povos. Os pequenos acabaram por sair a brincar e os pais e as pessoas mais velhas ficaram na sala em animada conversa que se encaminhou para o assunto dos missionários e para a educação que os missionários devem receber.

— Como me sentiria feliz se o meu Pedro viesse um dia a ser missionário, disse um dos presentes. Acredita, Pastor Ross, que devo pensar em mandá-lo para qualquer dos nossos colégios, quando tiver idade? Penso que aí poderá receber a preparação necessária.

— Não há dúvida de que os estudos num colégio cristão é um auxílio para qualquer jovem, quer pretenda ser missionário, ou não. Que idade tem o seu Pedro, e que escola frequenta ele, agora? perguntou o ministro.

— Tem apenas dez anos e está a acabar a instrução primária; tencionamos metê-lo no liceu e depois que vá frequentar a Universidade, — respondeu o pai do jovem.

— Quando acabar o liceu, prosseguiu o pastor Ross, — já será demasiado tarde. Depois de passar tantos anos a estudar nas escolas do mundo, talvez já ele não sinta nenhum interesse em ir estudar para uma escola cristã. Toda a criança adventista deve fruir o benefício de uma educação cristã nas nossas próprias escolas denominacionais, logo

desde o primeiro ano, quer esse jovem pretenda ser ou não, mais tarde, um ministro ou um missionário. O nosso primeiro dever como pais, é o de prepararmos os nossos filhos para serem cristãos, para a cidadania celeste, para o serviço em ajudar os outros a seguirem a Jesus; ora uma educação cristã constitui parte deveras importante para um tal programa. Permitam-me que lhes leia um passo do livro *Fundamentals of Christian Education*, págs. 204 e 205.

«Os vossos filhos devem ter oportunidade de estudar a Bíblia, na Escola. Precisam de se munir, cabalmente, das razões da nossa fé, para compreenderem por si mesmos, as Escrituras. Compreendendo as verdades bíblicas, estarão melhor habilitados a preencher lugares de confiança.

Fortalecer-se-ão contra as tentações que os assaltarão, de todos os lados. Mas se estiverem plenamente instruídos e consagrados, serão chamados, como Daniel, para assumir importantes responsabilidades...»

— Hei-de ser sempre grato pela educação cristã que os meus pais me deram, disse a sr.^a Ross, coisa esta que não lhes foi muito fácil. Nunca frequentei nenhuma escola pública, nem tão pouco o meu irmão. Mais de uma vez os meus pais tiveram, em casa a professora, como pensionista, e prepararam um quarto da nossa casa para servir de sala de aulas, de maneira que o meu irmão e as outras crianças, poucas na verdade, que havia na igreja, fruissem dos benefícios de uma escola cristã. Naquela época, era eu demasiado pequena para estudar. Mas, quando tive a idade suficiente, e vivíamos muito longe da escola paroquial, a minha mãe, em vez

de me mandar para a escola oficial, que ficava muito perto da nossa casa, sempre arranjava tempo para me ensinar, embora estivesse sempre muito ocupada.

De outra vez, de preferência a porem-me numa escola do mundo, ou a mandarem-me para fora de casa, sendo eu tão criança, os meus pais contrataram uma professora particular, para que não se interrompesse a minha educação cristã. Quando fiquei com idade suficiente para ir para o colégio, pude trabalhar um pouco para as grandes despesas, trabalhando parte do tempo — o que foi também uma boa preparação para o desenvolvimento do meu carácter.

— Parece-me, comentou o irmão Smith, que se tivermos o culto doméstico na família, e se estudarmos diariamente a lição da escola sabatina, as crianças hão-de aprender bastante acerca da Bíblia, de modo que não teremos de nos meter em todas essas despesas para as pormos nas nossas escolas.

*O culto de família é uma
necessidade diária*

— Naturalmente que o culto de família é uma necessidade diária em todo o lar cristão. Também a Escola Sabatina é uma grande força e bênção, — respondeu o pastor Ross — mas não pode desfazer, numa hora, cada semana, a influência de trinta ou quarenta horas semanais passadas nas escolas do mundo, sob a influência de professores, cujo exemplo talvez não seja sempre o melhor a seguir. As crianças e os jovens precisam da inspiração de professores cristãos, e da animação e amizade dos que bus-

cam igualmente servir ao Senhor e preparar-se para a Sua Vinda.

— Isso é verdade — concordou alguém. Uma das maiores bênçãos da educação cristã, é o companheirismo cristão que os alunos têm. Escolhemos os nossos amigos entre aqueles com quem nos associamos. E não há dúvida que os amigos exercem uma tremenda influência no desenvolvimento do carácter de uma pessoa.

— Outro sério aspecto desta questão, observou o pastor Ross judiciosamente, é que os jovens escolhem o seu companheiro ou companheira de existência de entre o seu círculo de relações. No caso de se encontrarem, sempre no meio dos mundanos, com a sua frequência às escolas públicas, não é de surpreender que escolham dentre eles o companheiro para toda a vida. Mas, se passarem os seus anos estudando nas nossas escolas cristãs, é muito natural que venham a casar com amigos também cristãos.

— Foi, precisamente, aí, que encontrei a minha esposa, sorriu o pastor Ross. E quando a Junta Missionária procura missionários para enviar para fora, não é às universidades do mundo que os vão procurar, mas às escolas da Igreja, onde podem escolher os jovens que foram educados nas instituições adventistas.

Bem — disse um dos presentes, que até aí estivera calado. Eu não tinha nenhuma ideia de que tanta coisa se encontrasse envolvida nessa questão da escola frequentada pelos nossos filhos. Parece-me que a minha esposa e eu temos necessidade de reajustar o nosso orçamento, de modo a podermos mandar os nossos filhos para as nossas escolas adventistas. É evidente que queremos que eles cresçam como cristãos, e, se for essa a vontade de Deus, que possam vir a ser missionários ou ministros da Causa do Senhor.

Prezados Irmãos e Irmãs. Não vos parece que o que acabais de ler traduz para nós, neste momento, não só uma grande e iniludível verdade, mas também uma imperiosa necessidade? Os perigos que amea-

CALENDÁRIO PARA 1962

JANEIRO	6 — Dia Missionário e Oferta 13-20 — Campanha da Liberdade Religiosa 20 — Oferta para o Departamento da L. Religiosa
FEVEREIRO	3 — Dia Missionário e Oferta 10 — Dia do Lar Cristão e Altar da Família 10-17 — Semana do Lar Cristão 17 — Dia da Educação e Oferta para as Escolas Primárias
MARÇO	3 — Dia Missionário e Oferta (Visita aos lares) 10 — Oferta de Extensão Missionária 17 — Dia dos Missionários Voluntários 17-24 — Semana dos Missionários Voluntários 24 — Dia de batismos 31 — Oferta do 13.º Sábado
ABRIL	7 — Início da Campanha das Missões — Grande Semana
MAIO	5 — Dias das Dorcas e Oferta para a S. Missionária 19 — Dia do Espírito de Profecia 26 — Oferta para Sinistrados e Famintos
JUNHO	2 — Dia Missionário e Oferta 9 — Dia das Classes Progressivas 16 — Dia de Baptismos 30 — Oferta do 13.º Sábado
JULHO	7 — Dia do Evangelismo Mundial e OFERTA DE UM MILHÃO DE DÓLARES 14 — Dia Médico-Missionário e Oferta para o Departamento Médico-Missionário
AGOSTO	4 — Dia Pró-evangelização de novos territórios 4 — Oferta para a Sociedade Missionária.
SETEMBRO	1 — Dia da Colportagem e Oferta para a S. Missionária 22 — Dia de Baptismos 29 — Oferta do 13.º Sábado
OUTUBRO	6 — Dia da Voz da Profecia (Inscrições para a Escola Rádio Postal) 6 — Oferta para o Fundo de Rádio 13 — Dia de visitas à Escola Sabatina 20 — Dia da Revista Adventista 27 — Oferta para o Fundo de Temperança
NOVEMBRO	3 — Dia dos Pregadores Voluntários e Oferta para a Sociedade Missionária 10-17 — Semana de Oração e Sacrifício 17 — Oferta da Semana de Oração e Sacrifício
DEZEMBRO	1 — Dia Missionário e Oferta 22 — DIA DE BAPTISMOS 22 — Oferta do 13.º Sábado

çam os nossos jovens são cada vez maiores e mais complicados. Temos absoluta necessidade de abrir a nossa Escola de Pero Negro para que os nossos filhos, e também os filhos dos nossos amigos e conhecidos ali possam receber não só uma educação literária e científica, mas também, e, principalmente, cristã. Trabalhem e orem, incessante-

mente, para que ela possa abrir, sem demora. *Deus o quer.* Era assim que os cruzados gritavam a caminho da Terra Santa. Digamos, também, a propósito da abertura da nossa Escola: *Deus o quer.* E empenhados na *cruzada* marchemos confiantes em Deus.

A. Casaca

Na data de 1 de Novembro os pensamentos de todos nós vão para aquele terrível dia de 1755, em que a cidade de Lisboa foi abalada e destruída em parte, pela acção dum poderoso sismo, dum violento incêndio e da fúria das águas.

«No livro da revelação é assim descrito o cumprimento que deve ter o primeiro desses sinais percursores da volta de Cristo:

«Houve um grande tremor de terra, e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua se tornou como sangue: Apoc. 6:12.»

Esses sinais se cumpriram antes do começo do século dezanove. O grande tremor de terra a que alude o texto, verificou-se no terramoto de Lisboa, ocorrido no ano de 1755. Conf. dos séculos, Págs. 317-318. E.G. White.

«A profecia estabelece «um grande tremor de terra» como marca inicial do sexto selo. E o grande terramoto de 1755, preenche absolutamente os requisitos da Profecia... O denominado de Lisboa, como acabamos de apreciar, foi «o grande tremor de terra» da profecia e proporciona-nos a data incontestável do sexto selo e da série de sinais percursores do dia do juízo ou da intervenção de Deus, por Jesus Cristo, no caos da civilização hodierna.» A verdade sobre as profecias do apocalipse, A.S. Melo, S. Paulo, 1959, págs. 165-166.

Perante declarações de tal natureza e interesse, devemos recordar o que foi esse terrível acontecimento buscando citações de documentos coevos, ou de outros de igual interesse.

I — Descrição do terramoto

«Entre as nove e as dez horas da manhã estando o céu claro e sereno, e atmosfera mais quente do que era próprio da estação começou o terramoto de Lisboa, tão violentamente que em sete minutos derrubou ou abalou a maior parte dos majestosos edifícios que ornavam aquela cidade.»⁽¹⁾

«O primeiro de Novembro de 1755, em um sábado às 10 horas estando o céu sereno e quieto, procedendo um como ruído subterrâneo mui horroroso, começou o território de Lisboa a tremer de sorte, que dentro de pouco tempo se sentia abalar a terra por vários modos... no princípio foi mais brando o abalo, mas pouco depois crescendo cada vez mais o tremor começaram primeiramente a estalar os forros e sobrados, logo se despregaram os rebocos, depois a abaterem com grande estampido as abóbadas, caindo ou abrindo-se por

«Durante a duração do tremor continuava a ouvir-se o já citado estrondo subterrâneo, que simulando o do trovão ao longe, aumentava o pavor do tremor, parecendo também aos que moravam perto do paço da Ribeira, ser o barulho de muitas carruagens, que para o mesmo paço concorriam.»⁽²⁾

«Foi este terramoto o maior que tem havido em Portugal. Pelas nove horas e meia da manhã, se sentiu em Lisboa tremer a terra com tão violento e estranho modo e logo indicou não ser puramente tremer pois nos espaços de pouco

O Terramoto a 1 de Novembro

último as mesmas paredes e torres.»⁽²⁾

«Finalmente cresceu o mar de tal modo que logo que o terramoto começou a sentir-se, muitos barcos foram arrastados para terra dos quais um, por mais estranho que pareça, só veio parar na antiga praça da cidade.»⁽³⁾

«No dia 1.º de Novembro de 1755, deu-se o terramoto de Lisboa que enche de enorme horror o mundo já habituado à tranquilidade e à paz. Uma capital grande e magnífica, simultaneamente porto e empório comercial, é de súbito ferida pela mais espantosa calamidade. A terra treme e oscila o mar alteia-se irado, os navios abalroam, desmoramam-se as casas, logo soterradas por torres e Igrejas, o paço real é parcialmente engolido pelo mar, a terra fendida parece vomitar chamas, pois por toda a parte surge fumo e fogo das ruínas.»⁽⁴⁾

mais de um minuto se conheceu ser um dos maiores terremotos que viram as cidades do nosso continente; porque a terra abalada por diferentes figuras já se via confusa elevando-se e deprimindo-se, já inclinados para uma e outra parte, como costuma ver-se um navio nas ondas... a acompanhar-se este terrível terramoto de um rugido tão medonho como o de um espantoso trovão durante o espaço de sete minutos pouco mais ou menos...»⁽⁵⁾

«Cerca do meio-dia toda a cidade se incendiou e assim esteve por quatro dias.»⁽¹⁾

«Alguns sete minutos durou o tremor de terra, o mais formidável que jamais viram os portugueses. A este se seguiram outros quatro: um no mesmo dia às 11 horas; outro no dia 8 antes do amanhecer; o terceiro a 11 de Dezembro à mesma hora, o quarto a vinte do mesmo mês às 9 horas.»⁽²⁾

II — Lisboa de então

a) Antes

«Lisboa gozava desde há longo tempo das prerrogativas das mais belas e grandes cidades: tudo concorria para persuadir os seus habitantes que a sua felicidade era inalcançável. O luxo espalhava-se por todos os lados. A corte gozava tranquilamente todos os prazeres que com as riquezas em profusão era possível obter.

O clero gozava duma magnificência comparável à de Roma; nada mais faustoso do que as equi-

Era um horror a quem via tantos palácios, conventos, igrejas e casas arruinadas e negras como tições, tudo parecia efeitos de incêndios infernais.» pág. 63 ⁽¹⁵⁾

III — Um Povo atormentado

«Como era dia de todos os Santos a maior parte dos habitantes se encontrava nas igrejas tendo sido sepultadas debaixo dos seus tetos.» ⁽¹⁾

«... foi tão grande, o número das casas, que caíram, e das pessoas,

outro remédio senão fugirem para os campos vizinhos: saindo todos em bandos, uns abraçados com os tenros filhos, outros com as sagradas imagens; e os mais deles sem saberem aonde fariam assento.» ⁽²⁾ pág. 71

«Cada um só pensava na sua própria segurança: fazem-se surdos aos gemidos dos estropiados e daqueles que debaixo das ruínas imploram o socorro dos que passam; esquecem-se mulher, filhos, amigos, pais.» ⁽⁷⁾

«Sessenta mil seres humanos e, momentos antes descuidados e felizes, perecem de uma vez e o mais ditoso de todos é aquele a quem nem sequer é dado a desgraça de meditar sobre ela. À fúria ininterrupta das chamas junta-se a de uma chusma de facinoras, antes ocultos ou postos em liberdade pelo cataclismo. Os tristes sobreviventes ficam expostos ao roubo, ao assassinio, a todas as violências: assim afirma a natureza, em todos os aspectos, a sua ilimitada tirania.» ⁽⁴⁾

«... Começou-se a espalhar uma voz que o mar vinha e que alagava a todos pelo que e também por causa das ruínas todos iam desertando que pareciam procissões; uns nus, outros mal vestidos, muitos com pernas e braços quebrados, outros doentes, uns orando, outros fazendo confissões públicas, uns pondo-se de joelhos pedindo absolvições, e todos choravam.» ⁽⁸⁾ pág. 10

«Amigos e parentes encontravam-se sem se conhecerem, e chocavam-se mutuamente sem repararem uns nos outros. Os grandes estavam confundidos com os pequenos, os ricos com os pobres, por a desgraça ser comum a todos, sem distinção de classes ou hierarquias.» ⁽⁵⁾ pág. 232

(Continua na página seguinte)

o de Lisboa

mbro de 1755

pagens dos grandes magistrados... o comércio brilhante respondia à situação feliz da cidade. O povo havia alicerçado em si o pensamento de que não havia sobre a terra, cidade mais rica a favorecida do céu: numa palavra Lisboa era uma grande capital, povoada, abundante, magnífica, antes do momento fatal da sua destruição.» ⁽⁷⁾

b) Depois

«Lisboa não é mais do que um montão de pedras, onde mal se distinguem as ruas mais largas; é um longo esqueleto de muralhas enegrecidas e quase destruídas que amedrontam aqueles que ousam olhá-las e que não dá a mínima ideia desta cidade há algum tempo tão bela e soberba.» ⁽⁷⁾

«Ficou a cidade em constantes meses como os desertos da Arábia.

que nas suas ruínas morreram e maior o dos que perderam as vidas nos muitos templos que se abateiram.» ⁽⁹⁾

«... com estas ruínas se levantou de todas as partes uma tão densa poeira que de repente se achou a miserável cidade coberta de espessas trevas.» ⁽²⁾ pág. 41

«Uns fugiam das casas para os templos, outros dos templos para as casas: estes choravam as esposas mortas, aqueles buscavam os filhos dispersos.» ⁽²⁾ pág. 43

«Uns esmagados com o golpe das abóbadas outros feridos com a ruína das paredes, os mais deles cobertos, e entalados com os montes de calça, traves e pedras.» ⁽²⁾ pág. 43

«Destruída deste modo a cidade e negando-lhe hospedagem o mar, não tiveram os miseráveis cidadãos

«Os homens corriam de uma parte para a outra, em delírio, atarrados, batendo em seus rostos, e no peito, gritando Misericórdia. É o fim do mundo! As mães esquecendo-se dos filhos, vagueavam desvairadas sustentando em suas mãos imagens e crucifixos.» (6) pág. 319

«O ar tão pálido e escuro pelas calças, gritos que chegavam ao céu, não só dos que ficavam meio enterrados, com pernas e braços quebrados mas ainda dos vivos que fugiam pedindo à Divina misericórdia que tudo era labirinto e confusão, entendendo todos que aquele era o dia do juízo.» (8) pág. 9

«... o terramoto que sofreu a bela cidade certamente igualou ou melhor ultrapassou toda a descrição cruel que se possa fazer do dia do juízo... não nos surpreenda, portanto que a tendência mais assinada, típica do tempo e da psicologia nacional, se afirme na crença inabalável de que Lisboa fora vítima da ira de Deus, cansado de tolerar os crimes de uma nação idólatra e cruel.» (4)

«... neste desgraçado reino estendeu o Onnipotente pesadamente a espada da justiça; porque nele se moveu a terra com tanta actividade, que o deixou na última consternação e miséria.» (12)

«No meio desta aflita multidão estava um padre ancião e venerando de estola e sobrepeliz, talvez escapado das ruínas da Igreja de S. Paulo exortando a todos ao arrependimento, e esforçando-se para confortá-los. Alguns dos que ali concorriam tinham pequenos crucifixos, outras imagens de santos, que fervorosamente beijavam e a outros ofereciam para beijar.» (5)

«Clérigos e frades davam a comunhão e baptizavam em meio aos escombros fumegantes... O ateu confessava Deus, o cínico chorava. Que de sublimes arrependimentos não haveria então. Quantas tragédias se não passaram naqueles três minutos.» (13)

«Grupos enormes seguiam os ministros da religião, que de cruz erguida, os arrastavam aos pontos altos da cidade. A turba ululante seguia os seus crucifixos arrependendo-se, rojando-se no chão, gritando e suplicando.» (13) pág. 25.

Foram gerais e do mesmo teor as cerimónias religiosas que por todo o reino se tomaram. É interessante folhear uma série de manuscritos que nos relatam, não só os acontecimentos em todo o reino, mas também as cerimónias que tiveram lugar, e a linguagem que as justifica.

«No mesmo dia se fizeram logo preces rogativas a Deus com comunhão dos católicos pedindo a Deus misericórdia, que fosse servido pela sua infinita bondade cessar tão grande castigo. Continuaram estes, fazendo-se procissões em santa penitência e jejuns, e, sermões de penitência... (14-a)

«A Justiça eclesiástica se proveio de remédio especial para abrandar a ira de Deus e se fizeram preces na dita Paroquial.» (14-b)

«Passado o terramoto determinou V. Ex.^a Rev. se fizesse uma procissão de penitência para aplacar a Divina Justiça e se cantasse nesta catedral o Tedeum Laudamus em acção de graças à Divina Misericórdia... e para este fim convidou a todos por uma pastoral rogando-lhe quisessem jejuar no dia da procissão, precedeu um sermão exortativo e na procissão foi tanta gente que me não lembro de ver ir a outra. Causou grande edificação aos moradores desta cidade ver ir

o seu prelado, cabido e mais clero, e à sua imitação muitos seculares descalços pela cidade e arrabaldes dela em uma noite tormentosa e chuvosa.» (14-c)

Joaquim Alegria Morgado

- (1) Notícia do terremoto, que se sentiu na Europa, África e América depois do 1.º de Novembro de 1755, in Considerações sobre os terremotos, com a notícia dos mais consideráveis e do que se sentiu em 1755 — Lisboa, 1757.
- (2) Comentário Latino e Português sobre o terremoto e Incêndio de Lisboa, António Pereira de Figueiredo. Manuscrito 572, B. da Academia das Ciências de Lisboa.
- (3) Breve testemunho dum Sueco-Frederico Christian Sternlew, Lisboa 1958. Edição do Instituto Ibero Americano, Gotemburgo-Suécia.
- (4) O protestante Lusitano-António Gonçalves Rodrigues, Coimbra, 1950.
- (5) História do Reinado de D. José I e da Administração do Marquês de Pombal, Lisboa, 1867, Tomo I, por Luz Soriano.
- (6) Relato de um frade (de S. Vicente) Torre do Tombo, Mans. 1.1, II pág. 278.
- (7) O terramoto de 1755 — Narrativas de uma testemunha ocular. Lisboa, 1953.
- (8) Subsídio para o estudo do terremoto de 1755 — Manuscrito Coevo, Maria Teresa de Andrade e Silva, Lisboa, 1955.
- (9) Carta em que mostra a falsa profecia do terremoto do 1.º de Novembro de 1755, Lisboa, 1756.
- (10) O conflito dos Séculos, E. G. White, S. Paulo.
- (11) A verdade sobre as profecias do apocalipse, S. A. Melo, S. Paulo, 1959.
- (12) O megassismo o 1.º de Novembro de 1755, Francisco Luís Pereira de Sousa, Vol. II, 1916.
- (13) Depois do terremoto, Vol. I, G. Matos Sequeira; Lisboa, 1916.
- (14) Informação dos párocos sobre o terremoto de Lisboa, manus. 638, da Torre do Tombo: a. Paróquia de Taneiro, b. ilegível c. Portalegre.
- (15) Memória curiosa — Descrição do terremoto de Lisboa sob o original manuscrito de Fr. António do Sacramento, Lisboa, 1939.

A TRADIÇÃO

A REVISTA ADVENTISTA continua a publicar uma série de Estudos Bíblicos que a «REVUE ADVENTISTE» preparou, especialmente para trabalho missionário em meios católicos.

Estamos certos de que os nossos prezados Irmãos e Irmãs têm apreciado devidamente, estes Estudos.

Introdução — É ponto assente que a Igreja Católica considera a Bíblia como sendo a Palavra de Deus e acrescenta que «Deus revelou tudo aquilo que devemos acreditar»:

1. — pelos Patriarcas e pelos Profetas, no Antigo Testamento;

2. — por Jesus Cristo, seu Filho, e pelos Apóstolos, na nova aliança». É evidente que esta definição inclui todos os livros da Bíblia e só eles.

Acrescenta, porém, a Igreja Católica: «As verdades reveladas por Deus chegaram até nós pela Sagrada Escritura e pela Tradição. A Sagrada Escritura e a Tradição são as fontes da Revelação e da Fé».

Qual é, portanto, este elemento novo que se pretende juntar à Bíblia, como fonte da Revelação?

1. — *Definição do vocábulo* — A palavra *tradição* vem do latim *tradere* que significa entregar, dar, donde derivam *traditio* — acção de dar, transmitir, e *traditor* — traídor. «Por tradição deve entender-se:

1.º — Transmissão de factos históricos, de doutrinas religiosas, de lendas, de idade em idade por via oral e sem prova autêntica escrita. (Littré).

2.º — Transmissão, século após século, de uma interpretação tão escrupulosa, quanto possível de textos referentes a factos ou doutrinas; exp. tradição escriturística (que se refere à Sagrada Escritu-

ra), cristianismo tradicional, etc». — Alex. Westphal, *Dictionnaire encyclopédique de la Bible* t. II, pág. 788.

O Catecismo Católico define assim a Tradição:

«Por Tradição entende as verdades reveladas por Deus e ensinadas de viva voz pelos Apóstolos, assistidos pelo Espírito Santo, e conservadas até aos nossos dias pela Igreja».

II. — *O perigo da tradição* — A tradição apresenta-se com um valor absoluto, enquanto se mantiver contemporânea da sua fonte. Mas à medida que o tempo passa, depois do desaparecimento das primeiras testemunhas, a tradição tende a deformar-se e a carregar-se de elementos heterogêneos. De resto, foi para evitar este perigo que o próprio Deus escreveu o Decálogo em tábuas de pedra (Deut. 4:13; 5:22), e ordenou aos seus mensageiros que escrevessem as suas revelações (Êx. 17:14; 31:9, 22; Apoc. 1:19). Esta palavra escrita de Deus devia ser guardada cuidadosamente e preservada de toda e qualquer adulteração: «Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor Vosso Deus, que eu vos mando». Deut. 4:2. Veja-se Mateus 5:19; Apoc. 22:18, 19.

Certas tradições alteram o texto bíblico e falseiam-lhe a interpretação. Outras entram em oposição directa com a Palavra de Deus.

III — *A Tradição contra a Bíblia* — Jesus denunciou com força a tendência que leva os homens a substituírem as ordens de Deus pelas prescrições conformes à sua própria vontade. Respondendo aos fariseus e aos escribas que acusavam os seus discípulos — porque omitiam a ablução ritual das mãos, antes das refeições — de transgredirem a tradição dos anciãos, o Mestre declarou: «Porque deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens... Bem invalidais o mandamento de Deus para guardardes a vossa tradição». (Marcos 7:8, 9).

A atitude censurada aos fariseus tem sido encontrada — coisa estranha — entre aqueles que fazem profissão de cristianismo, tornando-se imitadores dos fariseus. Até tem sido erigida em doutrina:

«A tradição é mais necessária que a Escritura, à fé cristã. A Escritura, com efeito, não pode passar sem a tradição... É pela tradição que temos das Escrituras uma interpretação infalível... Pelo contrário, a tradição poderia passar sem as Escrituras... Concluamos que a tradição para o católico, excede a Bíblia». (Ecclesia, 1927, p. 106).

Conclusão — Um verdadeiro cristão rejeita toda a tradição contrária às declarações da Palavra de Deus.

O crente, portanto, assim terá de responder àqueles que, apoiando-se em velhas crenças, procuram impor uma atitude contrária aos ensinamentos do Evangelho: «À Lei e ao Testemunho!» (Isaías 8:20).



Grupo da Igreja de Ponta Delgada, tirado em dia de Sábado

É com imenso prazer que escrevo estas linhas para a Revista Adventista dando algumas notícias acerca do trabalho aqui nos Açores, em especial da Igreja de Ponta Delgada.

Há cerca de dois anos e meio que nos encontramos nestas belas Ilhas entre o simpático povo Açoreano. Começamos por trabalhar na Terceira, onde tomámos contacto, com a Obra nos Açores, e com o alegre e sempre em festa povo Terceirense, mas infelizmente muito arreigado às suas tradições e festas, para se importar com a pregação do Evangelho.

Em Outubro de 1960, fomos chamados para nos ocuparmos do serviço do Mestre, em S. Miguel, onde desde então temos desenvolvido os nossos esforços principalmente em Ponta Delgada, onde temos uma bela Sala de Culto, e uma valorosa Igreja de cerca de 65 membros, todos animosos e dispostos a colaborar na propagação da mensagem.

Uma das necessidades desta Congregação era um Baptistério em condições, pois o existente, já muito antigo e feito da madeira e folha, encontrava-se em muito mau esta-

do. Com um pequeno auxílio da União, e com a boa vontade de alguns irmãos que ofereceram a sua valiosa colaboração, temos hoje um belo Baptistério, que já viu descer às suas águas, algumas almas que ali nasceram para Cristo. Embora não goste de citar nomes, no entanto acho justo que através desta Revista se torne conhecida a valiosa colaboração na execução desta obra, do Irmão Manuel Bernardes, do jovem Isac Fontes e do futuro Irmão Car-

Ponta

reiro, sem os quais esta Igreja não se poderia orgulhar do Baptistério que actualmente possui. O que nós pedimos a Deus é que nos conceda muitas almas para baixarem aquelas águas e dali «ressuscitem para Cristo», pois foi este o lema colectivo ao emprendermos esta construção.

Este ano foi-nos dado o privilégio de baptizarmos 14 preciosas almas que solenemente prometeram ao Senhor enveredar pelos Seus caminhos.

Em Março, no Dia dos Baptismos, realizámos a nossa primeira sessão sendo nesse mesmo dia recebidos no seio da Igreja 6 novos Irmãos; foram eles: Teresa de Jesus Arruda, Luísa Gonçalves Martins de Freitas, Maria da Conceição Marques Rodrigues, Lúcia Rodrigues, António B. Medeiros e Francisco Tomás de Freitas.

O Evang.^la António Baião baptizando uma neófito, no novo baptistério



elgada

Devido a pequenas contrariedades surgidas a alguns dos candidatos, só nos foi possível realizar a segunda cerimónia baptismal, no passado dia 14 de Outubro em que, já no novo baptistério, vimos descer às águas 7 almas, tomando parte neste sagrado rito, no qual o próprio Senhor Jesus tomou parte para nosso exemplo.

Será talvez interessante narrar o facto passado com a nossa Irmã Irundina Benevides, senhora já de certa idade, que no tempo em que o Irmão F. Mendes pastoreava esta Igreja, foi recebida por voto. Esta Irmã não podia sair de casa, devido à sua doença; não podia apanhar frio e afigurava-se impossível tomar parte no baptismo. Porém cheia de fé e confiança no Senhor, começou a frequentar as reuniões, tendo para isso de fazer uma pequena viagem de vinte quilómetros, que no entanto para o seu estado de saúde era enorme. Mas o Senhor tem-lhe dado forças, e agora pediu que lhe fosse ministrado o baptismo conforme o mandado do Senhor. Foi com sincera alegria que vimos esta Irmã outrora retida em sua casa, e muitas vezes no leito, descer por seus pés aqueles degraus que a levarão «às águas». Mais uma vez o Senhor se manifestou na Sua Igreja, e por isso nós sentimos um grande regosijo espiritual.

Ainda como encorajamento para outros citamos o facto desta Irmã que não lhe sendo possível trabalhar de porta a porta na Campanha, no entanto escrevendo a seus

familiares e amigos, conseguiu arranjar uma boa soma para as Missões.

Uma Senhora que devia tomar parte na cerimónia do dia 14, foi chamada de urgência pelos seus familiares, momentos antes dos baptismos. Perante a sua grande tristeza e desejo de se unir à nossa grande família espiritual decidi que faríamos o seu baptismo no sábado 21 de Outubro. Quando anunciei à Igreja a resolução tomada, uma outra Senhora que se encontrava igualmente preparada mas ainda indecisa, veio ao meu encontro pedindo-me para tomar parte no baptismo. Às vezes surgem contrariedades nas nossas vidas para as quais não vemos explicação, mas «o Senhor tudo vê». Quem sabe se as dificuldades suscitadas a esta Irmã não foram tornadas por Deus numa oportunidade para esta outra? Só Deus é certo! Mas nós pensamos que assim foi.

Eis os nomes dos que nos dias 14 e 21 de Outubro foram acrescentados à Igreja: Diamantina Teves, Maria de Lourdes Carreiro, Rosa Maria Borges, Cidália Carreiro,

Olga Carreiro, Conceição Pimentel, Maria Libório e Manuel Ávila Fontes. A todos estes «novos» Irmãos desejamos as melhores prosperidades espirituais no seio da Igreja.

Estamos animados no trabalho e prevemos uma boa colheita de almas para o próximo ano. Temos realizado pequenas reuniões em casa de alguns de nossos Irmãos que nos têm prestado a sua boa colaboração, e vemos almas interessadas no estudo da palavra de Deus. Nos Arrifes em casa de uma Irmã reunimo-nos semanalmente para o estudo da Escola Sabatina, ilustrada com quadros, que são muito apreciados dos pequenos e até dos adultos.

Peço aos Irmãos de toda a nossa União que não se esqueçam de orar pelo trabalho nos Açores, e em especial por esta Igreja para que ela possa continuar a ser uma «Luz do Evangelho» aqui no meio do Atlântico.

Vosso em Cristo Jesus

ANTÓNIO SIMÕES BALÃO

Grupo de irmãos baptizados, durante o corrente ano



Que lugar ocupa a Bíblia na vossa vida?

Pastor R. Gerber

(Secretário da Escola Sabatina da Divisão Sul-Europeia)

Suponhamos que nos encontrávamos na situação de, por motivos de força maior, não podermos ter à nossa disposição, senão um único livro. Basta pensar num incêndio, numa inundação, em determinados acontecimentos de ordem política ou social, mesmo religiosos, que nos obrigassem a fugir precipitadamente sem nos darem tempo de levar nada connosco, ou quase nada.

Pois bem, em tais circunstâncias, pensaríamos nós em procurar, por todos os meios, levarmos connosco a nossa Bíblia?

Ou então, imaginemos que o médico nos prescreve um regime de repouso forçado e não tolera que tenhamos à cabeceira, senão um só livro.

Neste caso, que livro é que escolheríamos?

De certo que seríamos unânimes em escolher a Bíblia, porque, procurando a salvação, recordamo-nos destas palavras do Salvador: «Examinai as Escrituras porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam.» (João 5:39). E ainda estas outras palavras: «E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.» (João 17:3).

Revelando-nos o Pai e o Filho, o livro sagrado dá-nos o conhecimento, graças ao qual nos tornamos filhos de Deus. Feliz o homem que se dedica ao seu estudo, e que se lança, assim, no caminho da salvação e alcança a vida eterna.

Mas não esqueçamos, que isto constitui, apenas, o ponto de partida, pois somos convidados a procurar «a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (Hebreus 12:14). De resto, o apóstolo Pedro não nos exorta também ao mesmo? Ora ouçamo-lo: «Vós, portanto, amados, sabendo isto de antemão, guardai-vos de que pelo engano dos homens abomináveis, sejais junta-

mente arrebatados, e descaiaes da vossa firmeza; antes, cresci na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.» (II Pedro 3:17,18).

Como se vê, é possível desprendermo-nos da firmeza cristã e perdermos a garantia da salvação. De resto, o mesmo apóstolo ainda nos diz: «Portanto, irmãos, procurai fazer, cada vez mais firme, a vossa vocação e eleição; porque fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porcedida a entrada no reino eterno de dida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.» (II Pedro 1:10, 11).

Eis, portanto, como é necessário estarmos vigilantes, em todo o tempo, e particularmente, nesta hora decisiva da história do mundo, em que Satanás se prepara para fazer com que o povo de Deus seja submetido a duras provas.

«...O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.» (I Pedro 5:8).

E não tinha dito já também Jesus a Pedro: «Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo.» (Lucas 22:31). Mas Deus seja louvado, pois Jesus acrescentou imediatamente: «Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça, (versículo 32). O perigo lá estava: a fé pode desfalecer, e nós bem sabemos, por experiência, que isso acontece, muitas vezes, e facilmente.

Estejamos, portanto, bem atentos para permanecermos firmes numa fé activa. É mediante uma comunidade viva com Deus, mediante a sua Palavra, que nós poderemos avançar, sempre. A nossa palavra de ordem deve ser: «Mantermo-nos firmes, até ao fim, custe o que custar.» Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.» (Apocalipse 3:11).

Guarda. Infelizmente, a nossa guarda é muitas vezes, como um

passador da cozinha, e esquecemos, facilmente, ensinamentos importantes e essenciais para a salvação! Por isso, temos necessidade de estudarmos, todos os dias a Palavra de Deus, para irmos ali buscar «com alegria águas das fontes de salvação.» (Isaías 12:3).

O Departamento da Escola Sabatina da Conferência Geral pede-nos que destaquesmos, de maneira muito especial, o lugar que a Bíblia deve ocupar na nossa actividade em 1962, e convida-nos a levar, sempre connosco, para a Escola Sabatina e para o culto a nossa Bíblia. Insiste, também, na necessidade do estudo diário e encoraja-nos, vivamente, a decorar os versículos que temos de apresentar.

Um tal programa é de suprema importância. Relaciona-se, efectivamente, com a nossa salvação, porque, se queremos ser encontrados de pé para receber a nossa herança, «no fim dos dias» (Daniel 12:13) temos de viver vitoriosamente, desde já, e todos os dias, «de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mateus 4:4).

Que o Senhor nos ajude a por-mos em prática, resolutamente, este programa para a sua glória e para a nossa salvação.

A revisão alemã do Antigo Testamento

Como se sabe, foi Martinho Lutero quem traduziu a Bíblia para alemão, constituindo um dos bons monumentos literários renascentistas da língua alemã.

A Igreja Evangélica Alemã acaba de nomear uma comissão especial composta por 15 teólogos — 10 peritos em obras pastorais e 5 eruditos versados no Velho Testamento — para empreender a tarefa de rever para a língua alemã, a tradução de Lutero do Velho Testamento.

O presidente da Comissão é o bispo de Berlim, Otto Dibelius. Calcula-se que tal trabalho demore sessenta anos. A revisão de tradução do Novo Testamento levou 30 anos.

A nova versão alemã da Bíblia procurará satisfazer o desenvolvimento da língua moderna, assim como as recentes descobertas das pesquisas teológicas e arqueológicas.